

# ETHOS E ANTIETHOS DE DILMA ROUSSEFF E JOSÉ SERRA EM AFORIZAÇÕES NA IMPRENSA NACIONAL

Maria Célia Cortez PASSETTI<sup>1</sup>  
Raquel Tiemi Masuda MARECO<sup>2</sup>  
Raquel de Freitas ARCINE<sup>3</sup>

**RESUMO:** Com base em estudos pragmático-discursivos e a partir de um *corpus* recortado de um arquivo midiático da campanha presidencial brasileira de 2010, verificamos se os *ethé* e os *antiethé* de dois sujeitos políticos construídos no/pelo discurso produzido em um debate televisivo se mantêm ou se alteram em aforizações, que noticiaram o debate, veiculadas em dois jornais impressos. Concluímos que as aforizações na mídia impressa nem sempre fazem circular os *ethé* construídos pelo sujeito político no texto-fonte, podendo, inclusive, construir *ethé* opostos àqueles. Portanto, o modo de circulação afeta a produção de efeitos de sentido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aforizações. *Ethos*. *Antiethos*. Discurso político-midiático.

## Considerações iniciais

O Grupo de Estudos Políticos e Midiáticos (GEPOMI/CNPq/UEM) funciona como um laboratório de estudos discursivos e, como tal, realizou um

---

1 Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora associada da Universidade Estadual de Maringá – Departamento de Letras e Pós-Graduação em Letras. [passeti@wnet.com.br](mailto:passeti@wnet.com.br)

2 Doutoranda em Letras na Universidade Estadual de Maringá. Mestre em Letras pela mesma universidade. [rachel.mareco@gmail.com](mailto:rachel.mareco@gmail.com)

3 Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. [raquelarcine@hotmail.com](mailto:raquelarcine@hotmail.com)

trabalho de construção de um arquivo sobre as eleições presidenciais brasileiras de 2010, o qual reúne diversos gêneros e suportes midiáticos, proporcionando *corpora* para várias pesquisas, dentre as quais duas dissertações de mestrado (ARCINE, 2012; MARECO, 2013), orientadas por Passetti, líder desse grupo. Essas duas pesquisas fundamentam o fio condutor deste artigo que propõe um diálogo entre dois conceitos discursivos trabalhados por Maingueneau (1995; 2008a; 2008b; 2010), de forma a testar sua produtividade analítica em um *corpus* de discurso político-midiático brasileiro, proporcionando reflexões sobre as teorias envolvidas.

O discurso político contemporâneo circula e chega à grande massa do eleitorado através das mídias e é por meio delas também que o eleitor tem acesso às imagens discursivamente construídas no/pelo discurso dos sujeitos políticos. Segundo Maingueneau (1995; 2008b), o *ethos* diz respeito à imagem de si construída no/pelo discurso, e o *antiethos* o seu oposto, funcionando como um antiespelho. Essas imagens de si e do outro, quando construídas sob o aparato tecnológico das mídias e do seu poder de circulação, potencializam seus efeitos de sentido sobre as massas.

Em se tratando de um segundo turno de eleições presidenciais, momento mais acirrado da disputa, a construção de um determinado *ethos* ou *antiethos* pode favorecer ou desfavorecer um dado candidato, produzindo, conseqüentemente, um efeito contrário para seu adversário. Além disso, um mesmo dizer proferido durante um debate televisivo pode ser veiculado de maneiras diferentes nas notícias sobre ele em cada jornal, o que nos levou a propor um diálogo entre os dois conceitos citados e os estudos sobre aforização. Maingueneau (2008a, p. 159) utiliza o termo aforização para designar “o regime enunciativo específico dos ‘enunciados destacados’”. A aforização é o processo que ocorre quando a fala de um dado enunciador é retirada de seu contexto de origem e, alterada ou não, passa a circular em outros lugares enunciativos. Essas falas (aforizações) que circulam em outros lugares continuam

sendo atribuídas ao enunciador primeiro, por isso, é possível a construção de um *ethos* ou de um *antiethos* para esse enunciador. Sendo assim, o enunciado aforizado na mídia impressa é visto pelo leitor como sendo do sujeito político, o que nos levaria a problematizar a premissa de que o jornal manteria a imagem de si projetada na enunciação anterior desse sujeito.

Diante dessa problematização, nosso objetivo, no recorte feito para este artigo, é verificar se os *ethé* e os *antiethé* construídos pelos sujeitos políticos Dilma Rousseff e José Serra em seus discursos produzidos no debate da Rede TV/Folha se mantiveram ou não nas aforizações, que noticiaram o referido debate, veiculadas nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Nosso percurso analítico tem como embasamento teórico os estudos pragmático-discursivos de Dominique Maingueneau e de Patrick Charaudeau.

A fim de situar nosso leitor teórico e metodologicamente sobre nossa proposta, organizamos esse artigo em quatro partes. Na primeira abordamos os conceitos de *ethos* e *antiethos* (MAINGUENEAU, 2008b). Na segunda, apresentamos brevemente o conceito de aforização/enunciação aforizante (MAINGUENEAU, 2008a; 2010). Em seguida partimos para nosso percurso analítico, no qual aplicaremos os conceitos tratados nas partes teóricas deste trabalho. Por fim, tecemos nossas considerações finais.

## ***Ethos e antiethos***

Segundo Charaudeau (2008, p. 86), todo ato de linguagem constrói uma imagem de si: “Quer queiramos ou não, calculemos ou neguemos, a partir do momento em que falamos, aparece (transparece) uma imagem daquilo que somos por meio daquilo que dizemos. [...] O sujeito que fala não escapa à questão do *ethos*, *a fortiori* o sujeito político”.

Uma das dimensões mais importantes da linguagem é o seu caráter persuasivo, reconhecido desde a Retórica Clássica, principalmente quando se fala de discurso político, campo profundamente marcado por estratégias

de persuasão. Contemporaneamente, a construção de um *ethos* com o qual a audiência se identifique ou um *antiethos* que a leve a rejeitar determinado discurso ainda funciona como recurso fundamental de argumentação e incorporação. De acordo com Maingueneau (1997, p. 45):

O que é dito e o tom como é dito são igualmente importantes e inseparáveis. Eles se impõem àquele que, no seu interior, ocupa um lugar de enunciação, fazendo parte integrante da formação discursiva, ao mesmo título que as outras dimensões da discursividade.

Dessa forma, usado para designar a “[...] construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório” (AMOSSY, 2005, p. 10), na antiguidade o *ethos* referia-se aos traços de caráter do enunciador, à maneira de se mostrar ao público tendo como objetivo causar boa impressão, sem importar se o que foi mostrado era verdade. Essa apresentação de si era construída através do estilo, da competência linguística e enciclopédica, crenças implícitas que o locutor mostrava pelo modo com que se expressava.

Tratando do conceito de *ethos*, Maingueneau (2008b) o aborda sob uma perspectiva discursiva, como constituído por meio do discurso, ou seja, ele não é uma “imagem” do locutor exterior à fala, mas é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro, uma noção fundamentalmente híbrida (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-histórica determinada.

De forma resumida podemos dizer que nos estudos feitos por Maingueneau (2008b, p. 60), pode-se compreender a noção de *ethos* sob três aspectos, a saber: i) entendimento do conceito como uma noção discursiva, que se constrói através do discurso; ii) entendimento do conceito como processo fundamentalmente interativo de influências mútuas entre orador/locutor e auditório/destinatários; iii) entendimento de que se trata de uma noção sociodiscursiva, um comportamento social que só faz sentido em uma situação de comunicação precisa, situada

em uma conjuntura sócio-histórica. Dessa forma, o autor descreve o *ethos* como um dos elementos do sistema semântico global<sup>4</sup> de uma dada formação discursiva e considera o contexto sócio-histórico como caráter que constitui e configura a existência de determinados *ethé* em detrimento de outros.

Maingueneau (2008b) ultrapassa o aspecto meramente persuasivo do conceito, considerando-o como um processo a partir do qual se pode refletir sobre os mecanismos de adesão dos sujeitos a determinado posicionamento. Ou seja, o autor caracteriza o *ethos* como sendo ligado a uma cena da enunciação, não apenas pela dimensão verbal, mas também por um aspecto mais abstrato que engloba estereótipos, no sentido de Amossy (2005), os quais se ligam a um *fiador*,<sup>5</sup> que aparece como o garantidor do que é dito, inseparável do *tom*,<sup>6</sup> de como é dito.

A construção e a validação do *ethos* durante o ato enunciativo implicam convencer que o *ethos* “chamado” para aquele ato de fala específico é incontestavelmente o necessário. Esse reconhecimento e validação do *ethos* só são obtidos, por outro lado, pela própria emergência e desenvolvimento do discurso proferido, no qual, e somente neste, o *ethos* tem efetivada sua especificação e validação. Portanto, ao proferir um discurso que diz “sou isto e não sou aquilo”, ao mesmo tempo em que determinado destinatário/coenunciador constrói um *ethos*, simultaneamente, rejeita um *antiethos*. Desse modo, no ato enunciativo de se autolegitimar, diz sou isto e não sou aquilo, faz com que o *antiethos* sirva como uma espécie de construção-contraste ao *ethos* que emerge no discurso.

No discurso político eleitoral, o sujeito político, para se destacar mais que seu adversário, ser mais votado e, conseqüentemente, obter vitória nas urnas,

---

4 Esse sistema semântico é chamado de global justamente por abarcar os diversos níveis semióticos, entretanto, neste trabalho, priorizaremos o nível verbal e utilizaremos o visual-sonoro como complementar às análises.

5 O *fiador*, para Maingueneau (2008b), é uma imagem construída pelo coenunciador com base em indícios textuais de diversas ordens. Podemos dizer que, no âmbito discursivo, é possível criar a imagem de um fiador calmo e tranquilo, mesmo que ele não tenha essas características.

6 O *tom* está relacionado à voz, à oralidade, ao ritmo e sustenta-se sobre uma figura dupla estreitamente relacionada e que são inseparáveis: o caráter (*ethos*) e a corporalidade (MAINGUENEAU, 2008b).

precisa não só construir uma imagem de si que inspire confiança, admiração, que partilhe dos mesmos ideais do eleitor, mas também desqualificar o adversário, mostrando quais efeitos negativos a vitória deste implicaria para o eleitor. Nesse contexto, Passetti (2011) postulou a necessidade de o conceito de *antiethos* ser compreendido como constitutivo desse discurso.

O conceito de *antiethos* aparece em “O contexto da obra literária” (MAINGUENEAU, 1995) e está ligado a uma figura que representa o seu oposto, funcionando como um “antiespelho”. Maingueneau (2008b), ao afirmar que o *ethos* é um dos elementos do sistema semântico global de uma formação discursiva (FD),<sup>7</sup> nos leva a postular que o *ethos* e o *antiethos* de um discurso se encaixam no sentido de oferecer ao coenunciador modelos de comportamento que devem ser seguidos e outros que devem ser rejeitados. Esses modelos podem ser construídos por meio do discurso do próprio enunciador ou de discursos atribuídos a ele, como é o caso das aforizações.

Pela própria inserção da instância adversária como constitutiva da instância política, (CHARAUDEAU, 2008), postulamos que o *antiethos* no discurso político eleitoral não pode funcionar separado do *ethos*, dado que, se assim o fosse, ele passaria a funcionar como referente do discurso, e seria uma imagem projetada para esse referente. O funcionamento como um “antiespelho” é, em geral, voltado à figura do adversário, mas pode, também, voltar-se, involuntariamente, a si próprio e ser detectado pelo coenunciador a depender de sua posição-sujeito, conforme mostram os resultados da dissertação de Arcine (2012).

Observamos que, na descrição do estatuto dos enunciadores em situação de disputa política eleitoral, é necessário que haja a figura de um sujeito candidato em disputa com outro sujeito, o adversário. Assim, a produção do *antiethos* é simultânea à construção do *ethos* feita pelo sujeito enunciador, mas é destinada à figura do adversário, como estratégia de crítica indireta e de maior valorização

---

7 Pêcheux (1995, p. 160) define a formação discursiva como “aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)”.

do seu próprio *ethos*. Apenas em casos de falha no ritual discursivo, o *antiethos* pode deslizar inconscientemente para o próprio sujeito político.

## Aforização<sup>8</sup>

Maingueneau (2008a, p. 159) utiliza o termo aforização para designar “o regime enunciativo específico dos ‘enunciados destacados’”, focalizando suas propriedades enunciativas, pragmáticas e antropolinguísticas, que implicam descontextualização. O processo de aforização ocorre quando a fala de um dado enunciador é retirada de seu contexto de origem e, alterada ou não, passa a circular em outros lugares enunciativos, produzindo diferentes sentidos. Essas falas (aforizações) que circulam em outros lugares continuam sendo atribuídas ao enunciador primeiro, por isso é possível a construção de um *ethos* ou de um *antiethos* para esse enunciador.

Conforme o autor, existe uma “tensão entre a aforização e o texto que a acolhe”, uma vez que, ao contrário da enunciação textual, que inscreve cada enunciado no horizonte global de um gênero de discurso, a enunciação aforizante não se deixa enquadrar em um gênero. Isso não significa, no entender de Benites (2009), que ela seja proferida fora de qualquer gênero, sendo absoluta em si, mas, simplesmente, que ela tem a pretensão ilocucionária de ser uma palavra absoluta.

Segundo outra estudiosa dos conceitos recentes de Maingueneau, a lógica da aforização foi retomada na conferência de 2007, “como uma proposta do autor de descrever o funcionamento dos enunciados destacados, fenômeno que considera não ter sido explicado suficientemente com o conceito de *sobreesseveração*”<sup>9</sup> (MOTTA, 2009b, p. 122, grifos da autora).

---

8 Não desconsideramos, aqui, os conceitos de destacabilidade, citação e sobreesseveração propostos por Maingueneau. Entretanto, devido à necessidade de um recorte teórico, optamos por iniciar esse tópico já falando diretamente sobre a aforização.

9 Maingueneau (2010, p. 11) define brevemente a sobreesseveração como “uma modulação da enunciação que formata um fragmento como candidato à destextualização”.

Maingueneau (2008a) identifica dois tipos de aforização: sentenciosa e pessoal. A primeira diz respeito aos enunciados já destacados, facilmente memorizáveis e sem identificação do texto de origem. “Referem-se a provérbios, ditados, adágios e *slogans*, enunciações generalizantes, naturalmente autônomas e basicamente polifônicas, cujo responsável, um ‘hiperenunciador’, encontra-se em uma instância anônima” (BENITES, 2009, p. 4). Já a aforização pessoal evoca um autor particular; não é, portanto, generalizante, e tem um funcionamento semelhante ao da citação de fidelidade, como é o caso de nosso *corpus*.

Outra característica comum da aforização apontada por Maingueneau (2010, p. 16) é a presença frequente de fotos do rosto dos locutores ao lado das aforizações pessoais que aparece como a manifestação de algo constitutivo. O autor caracteriza duas propriedades notáveis do rosto:

- 1) é a única parte do corpo considerada capaz de identificar o indivíduo como distinto de qualquer outro;
- 2) é, no imaginário profundo, a sede do pensamento e dos valores transcendentais.

Além disso, o autor afirma que “a foto autentica a aforização do locutor como sendo sua fala, aquela que faz dele um Sujeito plenamente responsável. Ela acompanha naturalmente, portanto, a aforização” (MAINGUENEAU, 2010, p. 16).

Em nosso *corpus*, todas as aforizações foram veiculadas acompanhadas da foto do rosto do candidato em ambos os jornais, como veremos na seção de análise.

Outra observação de Maingueneau (2010) em relação à foto do rosto é que ela é, também, um produto de destacamento, que elimina todo contexto situacional (roupa, lugar, momento...) que uma foto normal permite ver. Esse destacamento não se dá pelo enquadramento feito pelo fotógrafo, mas considerando um ponto de vista antropológico, pode-se considerar que “toda cabeça sempre é destacada de um corpo, que sempre está situado em um lugar e em um momento” (MAINGUENEAU, 2010, p. 16-7).



Quanto ao uso dos discursos direto e indireto nas citações, Maingueneau (2010) afirma que enunciados em discurso indireto podem ser aforizações quando retomam outras aforizações que tiveram destaque prévio na mídia, mas afirma também que a aforização decorre efetivamente de uma lógica de discurso direto, entre aspas ou em itálico, como ocorre no *corpus* deste trabalho.

## **Percurso analítico**

Retomando o objetivo geral de nosso trabalho – verificar se os *ethé* e os *antiethé* construídos pelos sujeitos políticos em seus discursos produzidos no debate se mantiveram ou não nas aforizações veiculadas nos jornais –, selecionamos para este estudo as aforizações sobre o debate transmitido pela Rede TV/Folha que circularam nos jornais *Folha de S. Paulo* (FSP) e *O Estado de S. Paulo* (ESP) e, por uma necessidade de recorte, selecionamos duas aforizações: uma que aborda o caso Erenice Guerra e outra, o caso Paulo Preto. Esses dois casos<sup>10</sup> tiveram enorme repercussão durante o período das eleições 2010. Cada um desses casos envolve um assessor de um dos candidatos e também foram temas recorrentes nos debates, pois se tornaram estratégia de acusação de ambas as partes. Justificamos a escolha dessas duas aforizações pelo fato de o debate Rede TV!/Folha ter tido uma parte em que duas jornalistas faziam uma pergunta a um dos candidatos. Uma das jornalistas perguntou a Dilma Rousseff (DR) sobre o caso Erenice Guerra e a outra a José Serra (JS) sobre o caso Paulo Preto. Essa especificidade de incluir na cena enunciativa do debate outros participantes além do mediador, debatedores e plateia justifica nossa escolha por esse debate em vez de outro. Além disso, observamos que as respostas dos candidatos às perguntas feitas pelas jornalistas foram veiculadas em ambos os jornais, o que confirma seu caráter destacável.<sup>11</sup>

---

10 Detalharemos melhor esses dois casos no decorrer de nosso percurso de análise.

11 Motta (2009a, p. 48), com base nos estudos de Maingueneau (2008a; 2010), explica que “há algumas maneiras de um texto indicar as passagens destacáveis: fazendo delas um título; dando-lhes uma posição de destaque; compondo-a com estrutura genérica; dotando-a de elementos pregnantes; através do metadiscurso”.

Ressaltamos que, por serem atribuídas ao candidato, aparecerem entre aspas e ao lado ou abaixo da foto dos candidatos, as aforizações constroem um *ethos* ou um *antiethos* para o candidato a quem elas são atribuídas e para seu adversário. Portanto, para o leitor, as aforizações veiculadas nos jornais funcionam como se fossem as próprias falas dos sujeitos. No decorrer de nosso percurso de análise, demonstramos como os *ethé* e os *antiethé* construídos pelo discurso produzido no debate se mantêm ou se alteram nas aforizações veiculadas nos jornais impressos.

Como recursos visuais complementares às nossas análises, utilizamos uma figura e uma tabela para cada aforização analisada. A figura apresenta as páginas dos jornais em tamanho reduzido e as aforizações a serem analisadas em tamanho ampliado. A tabela, dividida em três colunas, apresenta a transcrição de um trecho do debate, a aforização, referente a tal trecho, veiculada na *Folha de S. Paulo* e a veiculada em *O Estado de S. Paulo*.

Vejamos a seguir a análise da primeira aforização.



Figura 1: Aforizações nas páginas dos jornais

Essa primeira aforização aborda o caso Paulo Preto, que foi assessor de Serra e estava sendo apontado como suposto responsável pela arrecadação, em nome do PSDB e sem registro oficial, de 4 milhões de reais que jamais teriam chegado aos cofres tucanos.

Em determinado momento do debate apresentado pela RedeTV!/Folha, duas jornalistas fizeram perguntas aos sujeitos candidatos ao cargo de presidente do Brasil. Tratou-se apenas de pergunta e resposta; não houve réplica nem tréplica. A jornalista Renata Lo Prete retoma críticas que Serra faz a Lula e a Dilma sobre eles não saberem de esquemas de corrupções que aconteceram no governo, e aborda a questão de Paulo Preto, perguntando a Serra se ele não sabia do caso. Em resposta a essa pergunta, Serra produz o enunciado apresentado na coluna esquerda da Tabela 1:

DEBATE	Aforização na Folha, 18 de outubro de 2010	Aforização no Estado, 18 de outubro de 2010
<p><b>Serra:</b> Eu não conheço esse problema. Nunca, isso não aconteceu na minha campanha. <i>Nem se trata de dinheiro de governo, é uma contribuição para uma campanha, que alguém teria pego e não entregue para a campanha.</i> Só que eu não soube disso. <i>Nunca ninguém veio reclamar que doou e que não chegou, nem quem está cuidando desse aspecto na minha campanha me fez qualquer observação nesse sentido.</i> <b>Disseram que era o Paulo Souza. Eu não neguei que eu o conhecia.</b> Eu fui numa segunda-feira a Goiânia e veio a repórter e perguntou [sobre] o Paulo Preto. Paulo Preto, para mim, eu não o conhecia assim, e Paulo Preto é um apelido que se dá, preconceituoso e racista. Se ele fosse japonês, iam chamar de Paulo Amarelo? Será? Não. Mas como ele é descendente de africanos, puseram um apelido racista.</p>	<p>“Não neguei que eu conhecia [Paulo Preto]. A repórter perguntou [sobre] o Paulo Preto. Eu não o conhecia assim, Paulo Preto é um apelido que se dá, preconceituoso e racista. Se ele fosse japonês, iam chamar de Paulo Amarelo? Não. Mas como ele é descendente de africanos, puseram um apelido racista.”</p>	<p>“Eu não disse que o conhecia. Uma jornalista me perguntou se eu conhecia Paulo Preto e eu não o conhecia por esse nome.”</p>

**Tabela 1** – Aforização 1

Essa aforização refere-se ao fato de que JS teria negado conhecer Paulo Preto, quando uma jornalista o questionou sobre o caso. Após a circulação midiática dessa negação, em que um *antiethos* de mentiroso poderia se impor, José Serra se defendeu, afirmando que o conhecia sim, mas por outro nome. Observemos o seguinte trecho (1):

- (1) JS – Eu fui numa segunda-feira a Goiânia e veio a repórter e perguntou [sobre] o Paulo Preto.

Nesse breve trecho, já observamos o silêncio de JS sobre o conteúdo da pergunta (conhecer X não conhecer Paulo Preto; saber X não saber). Serra teria negado conhecer Paulo Preto e como essa negação lhe causava estragos políticos, no sentido de igualá-lo a Lula, que era acusado de não saber de nada sobre o mensalão, no debate ele profere um discurso de denegação seguida de uma justificativa de sua negação, sujeita a derivar para uma tergiversação, ao reorientar sua argumentação pela mudança do referente (de Paulo Preto para Paulo Souza).

Ao tratar da mentira política, Charaudeau (2008) apresenta quatro estratégias<sup>12</sup> para evitar que o político se enfraqueça por conta da mentira contada. Dentre elas, destacamos a utilizada por Serra nesse trecho que estamos analisando – a estratégia de denegação –, que ocorre “quando o político, surpreendido em negócios que são objeto de uma ação da justiça, nega sua implicação ou a de um de seus colaboradores” (CHARAUDEAU, 2008, p. 108). Assim, na possibilidade de o político ter algum envolvimento nesses negócios, negar equivale a mentir, resultando no que se chama falso testemunho. A estratégia de denegação, muitas vezes, é acompanhada da *tergiversação*, ou seja, quando há um deslocamento da responsabilidade do político sobre uma declaração para outro contexto.

---

12 Além dessa, Charaudeau (2008) cita outras três estratégias (estratégias de imprecisão, de silêncio e da razão suprema). Entretanto, por não incidirem sobre o recorte, elas não serão abordadas. Utilizamos neste trabalho apenas a conceituação de Charaudeau da estratégia de denegação.

- (2) JS – Paulo Preto, para mim, eu não o conhecia assim, e Paulo Preto é um apelido que se dá, preconceituoso e racista.

A inserção de “Paulo Preto”, na *Folha*, não é fiel ao referente de Serra no debate que, anaforicamente, era “Paulo Souza”. De fato, sabia-se à época que à pergunta da jornalista, Serra respondera não conhecer, o que lhe teria rendido um *antiethos* de mentiroso, enquanto no debate ele busca se livrar da acusação, alegando ser o referente Paulo Souza que ele conheceria. Portanto, pode-se afirmar que, ao construir a aforização dessa forma, a *Folha* induz o leitor a não perceber o processo de denegação de Serra no debate, porque o efeito de sentido que predomina é o de que ele teria admitido, sim, conhecer Paulo Preto, e então corrigiria uma deriva de sentidos para um *antiethos* de si próprio, que sua fala à jornalista parece ter provocado, já que ele precisa denegar.

De acordo com Charaudeau (2008), ao se justificar, o sujeito político reconhece a existência da crítica ou da acusação. No entanto, “a justificação não é propriamente uma confissão, mas ela acaba reforçando a ideia de que efetivamente foram cometidos uma falta, um erro, uma infração” (CHARAUDEAU, 2008, p. 126). Com isso, podemos dizer que o fato de Serra produzir no debate um discurso de justificação dá indícios de que um *antiethos* de si mesmo estaria instaurado no eleitor sobre o caso acima mencionado. Assim, para evitar uma deriva negativa, assegurar os efeitos de sentidos positivos sobre ele e criar um *ethos* de virtuoso, um político sincero que não nega fatos associados ao seu nome, diz não conhecer o referente Paulo Preto e sim Paulo Souza, tergiversando com um discurso sobre o preconceito e o racismo.

Ao abordar o preconceito contra o negro, o foco pode ser retirado da questão principal do enunciado, devido à possibilidade de identificação dessa etnia.<sup>13</sup> Num momento em que se busca e se trabalha a valorização étnica, que

---

13 Segundo dados recentes divulgados pelo IBGE (2010), dos 190,75 milhões de brasileiros, 14,5 milhões se declararam pretos e 82,2 milhões pardos. Portanto, a maioria da população se encaixa na etnia afrodescendente, visto que somando os que se declaram pretos e pardos, temos 96,7 milhões de brasileiros, os outros quase 100 milhões se dividem entre brancos, amarelos e indígenas.

inclui o negro e o pardo em campanhas publicitárias, novelas, filmes entre outros, uma atitude preconceituosa seria inadmissível na visão da maioria das pessoas. Essa mudança de foco no discurso do debate constrói um *ethos* de solidário, marcado pelo anseio de não fazer distinção entre os membros da sociedade, de que está preocupado com as questões étnicas, raciais e culturais.

Portanto, ao silenciar esse trecho que desvia o foco para a discussão sobre o preconceito, a aforização 1, veiculada no *Estado*, expõe José Serra, desfavorecendo-o e, conseqüentemente, favorecendo a Dilma. Isso porque, no debate, Serra tentou construir essa cenografia em torno do preconceito, retirando o foco do caso Paulo Preto e desviando a atenção para questões sobre preconceito. Com o recorte feito pela *Folha*, constrói-se uma cenografia que gira somente em torno da questão de Paulo Preto, sem desviar o foco, que recai direta e somente sobre o caso Paulo Preto. Podemos dizer que, no primeiro caso, através da falha no ritual discursivo,<sup>14</sup> José Serra poderia construir um *antiethos* de mentiroso, algo não desejado pelo político, mas que ocorre através do deslize dos sentidos. Dessa forma, a aforização 1 favorece a candidata adversária, podendo atribuir a ela um *ethos* de séria.

Dessa maneira, podemos dizer que a *Folha*, ao aforizar mudando o referente do verbo “conhecer”, orienta os sentidos para a manutenção de um *ethos* de virtuoso para JS, ou seja, como se o problema estivesse na pergunta da jornalista e não na resposta (sujeita a falha e derivas de sentido) de JS.

No ESP, “Eu não **neguei** que o conhecia” do enunciado-origem, cujo referente era Paulo Souza, foi substituído por “Eu não **disse** que o conhecia”. Diferente da FSP, no modo de construção da aforização do ESP, permanece o ato de negação de Serra à repórter, seguido da justificativa: não conhecer pelo nome de “Paulo Preto”.

14 Em Pêcheux (1995), a noção de ritual é expandida a partir de Althusser. Este, ao analisar a natureza da ideologia, vai expor que ela tem existência material. E cada aparelho ideológico do Estado realiza-a em sua prática. Práticas que, por sua vez, são reguladas por rituais, nos quais essas práticas se inscrevem. A essa noção de ritual Pêcheux (1995) acrescenta a falha, como lhe sendo constitutiva. Assim, o sujeito enunciativo, o qual é afetado pela ideologia e pelo inconsciente, ao proferir um determinado discurso, não consegue controlar as derivas de sentido que possam afetar sua imagem positiva.



Por ter sido veiculada dessa forma, a aforização no ESP produz um efeito de sentido de que Serra teria assumido no debate que havia negado conhecer Paulo Preto, o que levaria o leitor a deduzir que teria sido uma artimanha de Serra tentar convencer que ele não sabia da identificação entre Paulo de Souza e Paulo Preto, duas formas diferentes de designar o mesmo sujeito.

Apresentamos a seguir outras aforizações presentes nas páginas dos jornais sobre outro episódio que teve grande circulação midiática. Vejamos:



Figura 2: Aforizações nas páginas dos jornais

Essa aforização aborda o caso Erenice Guerra, que foi sucessora e braço direito de Dilma Rousseff na Casa Civil da Presidência da República. Dentre as principais acusações que pesavam sobre ela estavam tráfico de influência<sup>15</sup> e nepotismo.<sup>16</sup> A ex-ministra teria atuado para viabilizar negócios nos Correios intermediados por uma empresa de consultoria de propriedade

15 Segundo o art. 333 do Código Penal (2008), tráfico de influência é o delito praticado contra a administração pública, em que determinada pessoa, usufruindo de sua influência sobre ato praticado por funcionário público no exercício de sua função, solicita, exige, cobra ou obtém vantagem ou promessa de vantagem, para si ou para terceiros.

16 Conforme o Conselho Nacional de Justiça (CNJ, 2005), nepotismo é o favorecimento dos vínculos de parentesco nas relações de trabalho ou emprego.

de seu filho Israel Guerra e tinha três irmãos em cargos públicos federais comissionados.

Nesses trechos, Dilma demonstra seu interesse em combater o nepotismo e o tráfico de influência, principais acusações que pesam sobre Erenice e, conseqüentemente, poderiam prejudicar sua campanha, devido a sua proximidade com a acusada.

O debate Rede TV!/Folha teve uma parte em que duas jornalistas faziam perguntas aos candidatos. Nessa parte do debate, a jornalista Patrícia Zorzan fez uma pergunta a Dilma sobre o caso Erenice Guerra. Observemos a transcrição dessa pergunta<sup>17</sup> para, em seguida, discutirmos como sua formulação coloca em questão determinados *ethé* de Dilma.

**Patrícia Zorzan:** *Candidata, eu queria saber da senhora, seu ex-braço direito na Casa Civil, Erenice Guerra, deixou o ministério sob a acusação de tráfico de influência. Desde então, várias outras denúncias envolvendo pessoas, de uma forma ou outra, ligada à senhora, apareceram na imprensa e a senhora sempre disse que não sabia de nada. Como o eleitor pode esperar, então, que a senhora consiga escolher corretamente um ministério inteiro, além de dezenas de outros cargos importantes, se a senhora afirma que foi enganada por uma pessoa que trabalhou a seu lado, pelo menos desde 2003?*

No debate, o modo de formulação da pergunta da jornalista já coloca em cheque o *ethos* de competência de DR (ser incompetente para escolher um ministério) ou o *ethos* de caráter (saber e ser conivente com o nepotismo). Observemos que, de uma forma ou de outra, essa pergunta direciona os sentidos para a produção de *ethé* negativos: se ela se julgar capaz de escolher um ministério, pode produzir um efeito de sentido de que não houve nada de errado com o caso Erenice, construindo um *ethos* de conivência com o nepotismo e tráfico de influência. Por outro lado, se ela admitir que não sabia de nada, constrói um *ethos* de incompetente, pois não sabe escolher as pessoas que a cercam.

---

17 O foco de nosso trabalho são as aforizações e os *ethé* e *antiethé* construídos por elas. Entretanto, julgamos necessário trazer a transcrição dessa pergunta por seu modo de formulação ter sido decisivo para construção de *ethé* e *antiethé* na resposta, ou seja, inserimos essa transcrição para ampliar a discussão desse trecho de nosso *corpus*.



Em resposta a essa pergunta, DR produz o enunciado da coluna esquerda da tabela seguinte:

DEBATE	Aforização na Folha, 18 de outubro de 2010	Aforização no Estado, 18 de outubro de 2010
<p><b>Dilma:</b> As pessoas erram e Erenice errou. Eu quero deixar claro que eu considero a situação da Erenice com muita indignação. Primeiro, porque eu não concordo com a contratação de parentes, não concordo com a contratação de amigos. E quem conhece a minha história sabe que eu tenho um compromisso em combater o nepotismo e qualquer tipo de tráfico de influência.</p>	<p>“As pessoas erram e Erenice errou. Considero a situação com muita indignação, porque não concordo com a contratação de parentes e amigos. Quem conhece a minha história sabe que eu tenho um compromisso em combater o nepotismo.”</p>	<p>“As pessoas erram e Erenice errou. Tenho um compromisso em combater o nepotismo e todo o tráfico de influência.”</p>

**Tabela 2:** Aforização 2

Notamos, na resposta de DR, que ela prefere se defender apelando para resgatar seu *ethos* de caráter. Nesse sentido, seu discurso responsivo prioriza defender o *ethos* de identificação que, sendo negativo, lhe causaria prejuízo eleitoral. Temos, assim, o recurso da vituperação que, conforme Charaudeau (2008), se realiza quando o político se utiliza de uma voz forte que se alça tentando mostrar indignação, polemizando ou provocando (usando a provocação direta ou a advertência). Há, também, outras características que compõem o *ethos* de caráter, tais como: a) demonstrar uma força tranquila, pois produz um efeito de que ele tem controle de si; b) demonstrar coragem. O político constrói imagens positivas de si ao demonstrar que sabe enfrentar as adversidades, que consegue sustentar aquilo em que acredita, defendendo os valores do seu povo e o seu ideal político; c) ter moderação, que é uma qualidade que faz parte da construção desse tipo de *ethos*, pois é com essa atitude que o político consegue se desvencilhar das situações de conflito e obter acordos, obter a conciliação dos opostos, o que não deixa de ser uma qualidade importante na atividade política.

Notamos que, no debate, DR produziu um *ethos* de caráter, de quem sabe contestar quando é provocado, já que não consegue ficar calado diante das calúnias, mas que tem um caráter equilibrado, de quem possui cabeça tranquila diante das mais diversas situações, de alguém que pensa antes de agir e que só toma suas atitudes depois de ter ponderado os prós e os contras de uma ocasião. Sendo assim, no debate, DR defende sua opinião através de construções responsivas ativas do outro que configuram relações de força em que a candidata se coloca em posições muitas vezes de superioridade em relação ao seu interlocutor.

Observando especificamente como/se esse *ethos* construído no debate se mantém ou se diverge nas aforizações veiculadas nos jornais, podemos observar que, na FSP, o silenciamento de “Eu quero deixar claro que eu considero” atenua o tom de indignação de Dilma, visto que é muito mais forte do que apenas “Considero”. Como o caso Erenice teve muita repercussão, mostrar-se indignada com as atitudes dela poderia construir imagens positivas para a candidata, pois reforçaria seu *ethos* de caráter.

No entanto, ao verificarmos o discurso apresentado na FSP, percebemos uma atenuação dessa indignação por parte de Dilma, fato que levaria a uma mudança em seu *ethos*. Essa atenuação do tom do discurso pode parecer que Dilma não deu a devida importância ao caso, enxergando-o menos grave do que realmente é. Dessa forma, essa construção discursiva poderia deslizar para uma imagem negativa da candidata, construindo seu *antiethos* de caráter.

A primeira exclusão de trecho realizada pelo ESP silencia o tom de indignação expressado por Dilma durante o debate, pois na aforização destacada no jornal, Dilma não disse que considera a situação com muita indignação. Apenas disse que “As pessoas erram e Erenice errou”. Esse enunciado isolado do resto do enunciado pode produzir um sentido de proteção, como se Dilma estivesse justificando que o que Erenice fez foi um erro, mas que as pessoas erram. Produzindo esse sentido, o leitor do jornal constrói uma imagem negativa de Dilma. Com isso, ao não destacar a vituperação, dá brechas para deslizes e produção de um *antiethos* de caráter para DR.

Enquanto a FSP atenuou o tom de indignação, o ESP silenciou esse tom com a exclusão de “Eu quero deixar claro que eu considero a situação da Erenice com muita indignação”, pois, na aforização destacada no jornal, Dilma não disse que considera a situação com muita indignação. Dessa forma, o leitor do jornal vê em Dilma um *antiethos* de protetora, de conivente com os erros de Erenice, apesar de admitir que ela errou. Nesse caso, “protetora” funciona como um *antiethos* porque constrói uma imagem negativa de Dilma, pois ela não está sendo protetora com uma pessoa merecedora de créditos, mas com uma envolvida em casos de corrupção. Esse *antiethos* construído na página do jornal não é construído na fala de Dilma durante o debate (como vemos na coluna esquerda da Tabela 2), mas apenas pelo recorte feito pelo jornal durante o processo de aforização.

## Considerações finais

A aforização é um tipo de citação e, geralmente, é veiculada e atribuída a um dado sujeito, ou seja, ela funciona como se o próprio sujeito estivesse produzindo o enunciado em questão, mesmo se esse enunciado for alterado, recortado, reformulado. Os recortes, exclusões, reformulações presentes no processo de construção das aforizações fizeram com que os *ethé* construídos nos jornais fossem diferentes em comparação com o texto-fonte (o debate televisivo).

Como pudemos observar nas análises, trabalhamos com duas situações de enunciação: o momento do debate e a aforização na página dos jornais, relacionados a dois casos envolvendo os presidenciais 2010. Em relação ao primeiro caso, **no debate**, temos a retomada de uma situação anterior em que uma repórter pergunta a Serra sobre Paulo Preto e ele disse que não conhecia. Essa resposta teve como consequência a circulação de um *antiethos* de mentiroso para o candidato. Para tentar reverter essa imagem, quando esse assunto foi retomado no debate, Serra utilizou-se da estratégia da denegação, da tergiversação na tentativa de recuperar o *ethos* de virtuoso, verdadeiro, sincero e preocupado

com questões do racismo e do preconceito; preocupação essa utilizada, ao mesmo tempo, para desviar o foco de ele ter dito que não conhecia Paulo Preto e para construir uma imagem de que ele tem respeito pelo outro. Quanto às **aforizações veiculadas nas páginas dos jornais**, observamos dois posicionamentos. O modo de construção da aforização na *Folha de S. Paulo* reforça a denegação de Serra (apresentada no debate), portanto faz circular seu *ethos* de virtuoso. Já em *O Estado de S. Paulo*, reforça-se a negação de Serra à repórter, logo faz circular seu *antiethos* de mentiroso.

No segundo caso analisado, vimos como o modo de formulação da pergunta feita pela jornalista coloca em questão dois tipos de *ethos* de Dilma: o de competência e o de caráter. Em sua resposta **no debate**, a candidata optou por defender seu *ethos* de caráter, demonstrando indignação com o caso e explícita não conviência com as atitudes de Erenice. No que se refere às **aforizações veiculadas nas páginas dos jornais**, observamos que, no processo de construção da aforização, a *Folha de S. Paulo* excluiu um trecho da fala de Dilma no debate que fez com que enfraquecesse o *ethos* de caráter de Dilma defendido no debate, atenuando o tom de indignação da candidata com relação ao caso em questão. Em *O Estado de S. Paulo*, a exclusão de um trecho silenciou o tom de indignação de Dilma com as atitudes de Erenice. Essa exclusão, esse silenciamento apagou a tentativa de defesa do *ethos* de caráter de Dilma, produzindo um efeito de conviência da candidata para com as atitudes de Erenice.

Por meio das análises, observamos que, durante o debate político televisivo, os candidatos buscaram construir um *ethos* que tenha um efeito de identificação com eleitor e, conseqüentemente, construir um *antiethos* do adversário, a fim de que este seja rejeitado. Esses *ethé* e *antiethé* construídos por ambos os candidatos não foram mantidos ao passarem para a página dos jornais, foram ressignificados, reconstruídos por meio de diferentes aforizações. Sendo assim, o leitor do jornal que não tenha assistido ao debate ou não se recorde exatamente da fala do político constrói uma imagem dele com base

nas aforizações que, como vimos (no caso de nosso *corpus*), constroem *ethé* e *antiethé* diferentes dos construídos pelo próprio político durante o debate.

Ressaltamos que o recorte feito para este artigo não permite uma generalização dos resultados em termos de apoio de um jornal ou outro a um dado candidato. Permite apenas mostrar que, seja por posicionamento de um jornal ou por “descuido” de redação, as aforizações na mídia impressa nem sempre fazem circular os *ethé* construídos pelo sujeito político no texto-fonte, podendo, inclusive, construir *ethé* opostos àqueles. Portanto, o modo de circulação afeta, também, a produção de efeitos de sentido.

PASSETTI, Maria Célia Cortez; MARECO, Raquel Tiemi Masuda; ARCINE, Raquel de Freitas. Dilma Rousseff and José Serra's *ethos* and *antiethos* in aphorisations in national press. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 125-147, 2013.

**ABSTRACT:** *Based on pragmatic-discursive studies and from a corpus that is part of a media file about Brazilian presidential campaign of 2010, we checked if two political subjects' ethé and antiethé, built in/by the discourse produced in a broadcasted debate, were maintained or changed in aphorisations that reported the debate presented in two newspapers. We conclude that the aphorisations in the press do not always spread the ethé built by the political subject in the original text. They may even build opposite ethé in relation to them. Therefore, the means of circulation affect the production of meaning effects.*

**KEYWORDS:** *Aphorisation. Ethos. Antiethos. Political-media discourse.*

## Referências

AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2005.

ARCINE, R. de F. **Ethos e antiethos no discurso político eleitoral de José Serra (PSDB) no HGPE/TV da eleição presidencial de 2010 no Brasil**. 2012. 149 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

BENITES, S. A. L. A face do Brasil mostrada nas citações da revista *Veja*. **Polifonia**. Cuiabá: EDUFMT, n. 19, p. 1-28, 2009.

BRASIL. **Código penal brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2008.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2008.

IBGE. **Censo demográfico**: características da população. 2010. Disponível em: < [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_da\\_populacao/default\\_caracteristicas\\_da\\_populacao.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/default_caracteristicas_da_populacao.shtm)>. Acesso em: 6 jun. 2011.

MAINGUENEAU, D. Aforização. In: SOUZA E SILVA, M. C.; POSSENTI, S. (Org.). **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 9-24.

\_\_\_\_\_. **Cenas da enunciação**. POSSENTI, S.; SOUZA E SILVA, M. C. P. (Org.). São Paulo: Parábola, 2008a.

\_\_\_\_\_. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 11-29.

\_\_\_\_\_. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MARECO, R. T. M. **Do debate televisivo ao jornal impresso**: aforizações na mídia nacional. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

MOTTA, A. R. Enunciação aforizante nos Racionais MCs. In: **Anais do SETA**, Campinas: Unicamp, 2009a. n. 3, p. 47-57.

\_\_\_\_\_. **Heterogeneidade e aforização:** uma análise do discurso dos Racionais MCs. (Tese) Doutorado em Linguística) – Unicamp, Campinas, 2009b.

PASSETTI, M. C. C. Formação discursiva e a análise do ethos no discurso político eleitoral. In: V SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, Porto Alegre, 2011. **Anais do V Seminário de Estudos em Análise do Discurso** - o acontecimento do discurso: filiações e rupturas, Porto Alegre, RS, 2011.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso.** Uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PRESIDENCIÁVEIS DIMINUEM TOM AGRESSIVO. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 out. 2010. Caderno Poder, p. A12.

QUESTÕES DE SÃO PAULO DOMINAM CONFRONTO. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 18 out. 2010. Caderno Nacional, p. A10.